

## **A formação do estagiário no hospital: criando novos espaços**

**Helena Rinaldi Rosa<sup>1</sup>**

**Maria Luisa Louro de Castro Valente<sup>2</sup>**

**Livia Maziero Baptistella<sup>3</sup>**

**Lazaro Luiz Bergamo<sup>4</sup>**

**Loraine Seixas Ferreira<sup>5</sup>**

**Juliana Lozano Jacia<sup>6</sup>**

**Rosana Satiko Kikuchi<sup>7</sup>**

**Camila Monteiro<sup>8</sup>**

**Jacqueline Maria Oliveira Regis<sup>9</sup>**

**Tissiane Gushiken da Silva<sup>10</sup>**

**André Marques Vilela<sup>11</sup>**

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

### ***Introdução***

O estágio de Atendimento Psicológico no Hospital Regional de Assis (HRA) teve início no ano de 2008, com cinco alunos do 4º ano de Psicologia. Esse grupo consistiu no primeiro núcleo de estagiários de Psicologia da Clínica Médica (CM) desse hospital. No ano de 2009, foi acrescido de mais cinco alunos, sendo dois do 4º ano e três do 5º ano. Os estagiários atuaram na CM, que se configura com trinta leitos, divididos em quartos femininos e masculinos. O fluxo de atendimento desse setor é elevado e atende a vários quadros clínicos, de diferentes cidades da região de Assis e, em sua maioria, a pessoas idosas. É um setor em que os internatos da Medicina, estagiários de Nutrição, de Fisioterapia, de Enfermagem, de Psicologia, de Terapia Ocupacional atuam frequentemente e têm acesso livre aos prontuários, bem como supervisão e permissão para participar da reunião de equipe multiprofissional.

Essa abertura e integração de diferentes profissionais, presente na Clínica Médica do Hospital Regional de Assis, constituem um serviço que fornece diferentes

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora Assistente Doutora na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista. Professora Assistente Doutora na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>3</sup> Graduanda no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>4</sup> Graduando no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>5</sup> Graduanda no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>6</sup> Graduanda no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>7</sup> Graduanda no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>8</sup> Graduanda no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>9</sup> Graduanda no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>10</sup> Graduanda no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>11</sup> Graduando no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

subsídios para atender à demanda, agilizar o processo de alta do paciente, ampliação do modo de enxergar o paciente e sua família, seu estado clínico e também um pouco de sua existência como pessoa e não somente como um corpo enfermo. Esse espaço “ (. . . ) permite ao profissional realizar uma reflexão sobre sua prática, reaprender e reintegrar como uma oportunidade para se criar serviços que correspondam à demanda ao invés de acatar “imposições de modelos pré-estabelecidos” (Silva, 1992, p.36).

A estrutura de uma rede de serviços, representada por essas diferentes ciências que circulam nesse ambiente, simboliza a “sustentação”, o apoio e até mesmo, pelas falas de alguns pacientes, uma rede para descansar: quando a estadia no hospital se configurava como o período de descarregar todas *as coisas que vão se somando* ou então, porque o acompanhante pode contar com a força (até mesmo física) da equipe, para poder olhar um pouco para si, ocupar-se também de sua saúde, física e mental.

Para o autor supracitado, a inserção do estagiário nesse contexto é uma oportunidade para que o estudante seja “(. . . ) sensibilizado para perceber a área da psicologia como prática socialmente articulada dentro das instituições” (Silva, 1992, p. 36).

Nesse sentido, a prática que os estagiários de Psicologia realizaram, no ano de 2009, nesse setor, visava a ser mais um fio costurado na trama da rede, com suas cores e texturas próprias, tecendo e aprendendo com as diferenças particulares de cada fio, assim como cada uma dessas ciências, aqui simbolizadas pelos fios, manifesta o seu trabalho com o uso de algumas ferramentas, sendo as que priorizamos: a escuta e nossa subjetividade. Enfatiza Silva (1992, p.41):

Nós da saúde mental temos como instrumento de trabalho a fala, o discurso, a escuta. Nosso objeto de trabalho é o homem em suas relações: o conflito, e como elemento principal do trabalho em saúde mental estão a subjetividade, o entendimento e respeito pelas diferenças: o vínculo.

O aprendizado proporcionado pelo estágio foi um avanço na formação dos estudantes de Psicologia, porque possibilitou que, antes de sua inserção na área da saúde, já tivessem adquirido minimamente os recursos necessários para “(. . . ) atuar a partir da análise do que se apresenta como necessidade de trabalho e das demandas e não como mera transposição de modelos previamente aprendidos” (Angerami-Camon, 2002, p.96). As atividades exercidas no contexto hospitalar junto aos pacientes, familiares e equipe consolidaram a identidade dos estagiários e a presença da Psicologia como parceria às demais profissões da saúde.

### ***Objetivo***

A proposta desse estágio, desde sua origem, tinha como objetivo a abordagem psicológica aos pacientes internados, através de uma entrevista inicial, que objetivava diagnosticar a necessidade de acompanhamento individual ou familiar na situação de internação, ou o encaminhamento posterior para serviço de Psicologia, na rede pública de saúde. Observada a necessidade de apoio psicológico, passava-se ao atendimento,

*Helena Rinaldi Rosa, Maria Luisa Louro de Castro Valente, Livia Maziero Baptistella, Lazaro Luiz Bergamo, Loraine Seixas Ferreira, Juliana Lozano Jacia, Rosana Satiko Kikuchi, Camila Monteiro, Jacqueline Maria Oliveira Regis, Tissiane Gushiken da Silva, André Marques Vilela*

pelo tempo determinado pela duração da internação, bem como à discussão do caso com a equipe multiprofissional e orientação para acompanhamento pós-alta<sup>12</sup> (Castro, 2008).

### ***Método***

Foram realizadas entrevistas investigando o motivo da internação, estado emocional, setor afetivo, setor produtivo e a história subjetiva da doença vivida pelo paciente. Esse modelo foi inspirado na proposta de Simon (1989) para a Psicologia preventiva, e os pacientes assinavam um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando que pesquisas fossem realizadas, mantendo-se o sigilo de dados pessoais.

Além das entrevistas, com os devidos desdobramentos e/ou encaminhamentos, os estagiários efetivaram pesquisas bibliográficas sobre os diversos temas relacionados ao estágio; acompanhamento psicológico dos pacientes, quando necessário; participação em reuniões de equipe multidisciplinar; supervisões semanais (quatro horas); elaboração de trabalhos apresentados em eventos e congressos da área, e participação nos mesmos.

### ***Discussão***

Em cada atendimento, propúnhamo-nos oferecer uma escuta diferenciada, tendo por referencial o embasamento da psicodinâmica. Essa escuta estava atenta à história de vida do paciente, seus familiares e também à equipe, que trazia questões e conflitos oriundos das relações imbricadas do ambiente hospitalar ou até mesmo percebia que seria importante a presença de um estagiário junto ao paciente.

A importância de dar ouvido ao que é dito, nesse ambiente, revela-se por incluir também os aspectos sociais que podem acarretar prejuízos ao bom desempenho das pessoas – inclusive em suas relações de trabalho – e, conseqüentemente, contribuir para o adoecimento psíquico, como, por exemplo, a dissociação de sentido da sua história de vida (Bezerra, 1987, p.138). Desse modo, a atenção voltada para as histórias de vida que circulam dentro do hospital permite associar fatores envolvidos nos processos de cura/doença e incluí-los na composição do adoecimento. É o momento em que se desnaturaliza o adoecer como fator puramente biológico. Ao conhecer os processos sociopsicológicos relevantes, existe a chance da manutenção da saúde e a compreensão da origem e desenvolvimento da doença, que é histórica e multideterminada. (Spink, 1992, p.15).

Além da coleta de dados e do estudo destes, no atendimento também temos o objetivo de sermos de alguma forma terapêuticos, por meio da empatia, do entendimento e da aceitação da pessoa do paciente como um todo, com suas dificuldades e potencialidades. (Sá Borges, 2009)

---

<sup>12</sup> Extraído do documento *Descrição de atividades da psicologia clínica cirúrgica*, elaborado pela psicóloga Ana Laura Rabelo Araújo de Castro.

### ***Considerações Finais***

Com base no exposto, podemos dizer que o projeto obteve ótimos resultados, beneficiando tanto a comunidade externa, a população que frequentou o hospital e ali recebeu nossos serviços, como a comunidade interna – nossos alunos –, que aproveitaram o estágio como uma oportunidade que incrementou a sua formação, aliando teoria e prática e ampliando a perspectiva profissional. O hospital cada vez mais deixa de ser apenas um local de dor, sofrimento e mesmo de morte, para ser um local de fortalecimento, recuperação e crescimento – e neste, especificamente, de formação.

### ***Referências***

- Angerami-Camon, V. A. (2002). *Psicologia da Saúde: um significado para a prática clínica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Bezerra-Júnior, B. Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em saúde mental. In A. S. Tundis & N. R. Costa (orgs.) (1987). *Cidadania e Loucura. Políticas de Saúde Mental no Brasil*. Petrópolis: Vozes/Abrasco.
- Borges, E. S. (2009). *Psicologia clínica hospitalar: trauma e emergência*. São Paulo: Vetor.
- Silva, R. C. (1992). A formação em Psicologia para o trabalho na saúde pública. In F. C. Campos (org.). *Psicologia da Saúde: repensando práticas*. São Paulo: Hucitec.
- Simon, R. (1989). *Psicologia clínica preventiva*. São Paulo: EPU.
- Spink, M. J. (1992). Psicologia da Saúde: A estruturação de um novo campo de saber. In F. C. Campos (org.). *Psicologia da Saúde: repensando práticas*. São Paulo: Hucitec.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.  
Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*